

# MEMÓRIA CAMPINEIRA

## O SÁBIO INCOMPREENDIDO

Célia Siqueira FARJALLAT

Um cientista de verdade em tempos de obscurantismo. Um padre de muita ilustração, pobre e desamparado, atrevendo-se a experiências imaginadas, a transmitir vozes sem fios e sem “drum-taps”, isto é, toques de tambores. Uma figura alta e magra, ascética, mais dando impressão de santo do que de homem prático, e certamente desafiando as leis da Santa Madre Igreja.

Aquele homem ainda é lembrado, mesmo após tantos anos. E isso se deve a uma lei fatal: a da História. Porque muitos, perseguidos e desprezados, não puderam realizar seus sonhos. Muitos, que predisseram o futuro, e por isso sofreram perseguição e até a morte, encontraram vingadores. Eles estavam muito à frente de seu tempo. É o caso do inventor padre Landell de Moura.

Interessei-me logo por ele. Primeiro, porque sua história me foi contada por dois amigos, há muitos e muitos anos. Um destes, o radiotelegrafista da Marinha, R. Brown; o outro, o professor Ignácio Landell, lente no “Culto à Ciência” e na Escola Normal Carlos Gomes. Nos intervalos de aulas, conversava com o Landell e aprendia muita coisa com ele. Um dia me disse: “A senhora precisa conhecer a história de um homem genial, que viveu em Campinas e aqui sofreu muito”. Perdi de vista tanto Mr. Brown, quanto o Prof. Landell.

O cientista padre Landell de Moura foi vigário por algum tempo em Campinas, nos últimos anos do século passado, quando “a cidade era burgo tranqüilo e devoto, propício ao estudo e à meditação”. Foi ali que ele se atirou ao estudo mais intenso, diz Ernani Fornari, seu

biógrafo. Landell nasceu em porto Alegre, em 1861. Estudou com os jesuitas em São Leopoldo; foi para a Corte, em 1879; frequentou em Roma o Colégio Pio-Americano e a Universidade Gregoriana, na qual estudou Física e Química. De volta, já sacerdote, conheceu D. Pedro II, o grande amigo dos cientistas. Landell foi lente de História Universal no Rio Grande do Sul e capelão.

Um dia chegou a Campinas, após ter sido vigário em Santos. Já se revelava um homem fora do comum, preocupado com fenômenos da natureza e experiências que logo lhe trouxeram a fama de feiticeiro, amigo das artes do demônio. Inventou vários aparelhos esquisitos, com nomes ainda mais estranhos: telefônio, telauxifônio, caleofono, edifono, e conseguiu transmitir a voz humana a longa distância, sem usar fio algum.

Em 1901, foi para os Estados Unidos. O “New York Herald”, em 12 de outubro de 1902, falou dele como um gentleman de 44 anos de idade, autor de prodigiosos inventos, entre os quais a telefonia sem fio, o telégrafo sem fio e o transmissor de ondas. Magnatas americanos quiseram comprar-lhe as patentes. Ele não concordou: era brasileiro e patriota.

Por incompreensão de um grupo de residentes em Campinas, Landell teve destruído seu modesto laboratório. Muitos de seus papéis se perderam. Mas estudiosos atentos salvaram boa parte de suas conclusões científicas. Hoje, é um dos patronos das telecomunicações no Brasil. Seu nome começa a sair da penumbra onde ficou durante décadas, devido à inveja e ao obscurantismo de alguns de seus contemporâneos. Creio que é tempo de dar-lhe lugar de destaque na galeria dos cientistas de verdade.

(“Correio Popular”, Campinas, 20-8-1999)